



Mindlin: e o déficit?

## 33 Mindlin acha metas “óbvias”

O vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), e presidente da Metal Leve, José Mindlin, alegando que ainda conversaria pessoalmente com o ministro Dilson Funaro no jantar de ontem à noite — que contou com a presença de 60 empresários paulistas — não quis falar sobre o novo plano econômico do governo, mas acabou dando sua opinião durante lançamento do V Concurso Nacional de Desenho Industrial — Prêmio Aloísio Magalhães, em cerimônia realizada ontem à tarde em São Paulo.

Para Mindlin, as metas são “óbvias, embora sejam boas”, e tenham sido anunciadas tarde. Sua dúvida, porém, é esta: “De onde virão os recursos para se atingir esse objetivo?” Na sua opinião, há uma indicação do que o Brasil vai buscar um acordo com os credores

da dívida externa. “Temos parte desse recurso, mas teremos de buscar dinheiro no Exterior”, afirmou o empresário.

Mindlin pondera que para se atingir um crescimento da economia de 7% ao ano é preciso que existam definições claras e “regras fixas do jogo para o plano se tornar factível”. Ele acha, ainda, que o governo precisa tomar decisões firmes para acabar com o déficit público. Perguntado se acredita no equilíbrio do orçamento do governo, Mindlin lembrou que “a promessa já foi feita antes”, mas afirmou esperar por uma volta à normalidade se o plano se concretizar.

Dando uma demonstração de que confia no plano, o empresário paulista acha que não haverá uma explosão inflacionária, pois “com a economia de mercado os preços tendem a se estabilizar”. E justificou:

“O limite do poder aquisitivo da população controla os preços, e esse limite já foi alcançado”.

Embora o presidente da Metal Leve acha o gatilho salarial “altamente inflacionário”, disse que ainda não há substituto para esse mecanismo. “A melhor forma de eliminar o gatilho é acabando com a inflação.”

Para o presidente da Fiesp, Mário Amato, o plano é “maravilhoso, mas depende de uma coisa: a colaboração do governo, diminuindo o déficit público.” No entanto, Amato diz que isso não representa a demissão de funcionários. Quanto à inflação, Amato acredita que ela poderá estourar, no princípio, “como aconteceu com a carne depois do congelamento.” Mas depois — acrescentou — a economia de mercado ajeita as coisas e contém a inflação”.